

TEMA I

A VELHICE E SEUS FALSOS MITOS

Objetivos específicos

- Desmitificar os estereótipos falsos e negativos sobre a velhice.
- Identificar e racionalizar as conseqüências por assumir os estereótipos ou falsos mitos sobre a velhice.
- Estimular a atividade crítica e desmitificadora dos membros do grupo, apresentando-os como exemplos críticos para o resto da sociedade.
- Fomentar o orgulho geracional de ser idoso ou ancião e a consciência da responsabilidade pelo desenvolvimento e pelo controle de uma forma de vida satisfatória na velhice.
- Auxiliar os membros do grupo a enfrentar os medos diante de perdas que a idade e o envelhecimento supõem, estimulando a elaboração de estratégias de animação e auto-estima.

Texto

Hoje, ser idoso supõe enfrentar o risco de superar os tópicos e estereótipos falsos que alimentam os preconceitos culturais e, em geral, a ignorância sobre essa etapa da vida. Porque se aposentar, na atualidade, representa um desafio libertador que leva a desmascarar os mitos sobre a velhice e a romper as barreiras e humilhações desumanas que nos impedem de viver plenamente. Enquanto as crenças podem ser exatas ou inexatas, os estereótipos são sempre inexatos e, geralmente, depreciativos; daí a necessidade de reconhecer e eliminar todas as idéias falsas que popularmente se lançam sobre a velhice, dificultando sua compreensão e seu desenvolvimento.

Entre os estereótipos atuais mais comuns sobre a velhice estão os seguintes:

Há pessoas que vêem na velhice uma patologia, julgam que envelhecer tem como conseqüência necessária a perda de saúde e que, especificamente por volta dos 65 anos, se sofre uma repentina degradação física e mental. Isso, porém, não é verdade; aos 65 anos, a maioria das pessoas aos 65 anos, gozam de boa saúde, não sentem declínio algum que perturbe o seu bem-estar, e sua saúde continua um processo semelhante ao das etapas anteriores da vida e com elas coerente.

Existem os que acreditam que os idosos *perdem a inteligência* que os marcou ao longo da vida e que sua capacidade de resolver problemas, ou de enfrentar responsabilidades e dificuldades, desaparece; todavia, isso é falso. Para desmitificar essa asserção, basta olhar para a idade avançada de muitas personalidades que desempenham altas funções nos contextos político e cultural.

Há os que vêem na velhice um período vital, de *lucidez e clareza especiais*, no qual todos nos transformamos em idosos sábios, cheios de serenidade e imparcialidade, capazes de emitir um juízo permanentemente justo e equilibrado. Este, porém, como outros mitos que atribuem aos idosos certos caracteres a-históricos, pelo simples fato de serem idosos, não leva em conta que os seres humanos possuem uma trajetória vital e pessoal própria, que nos confere certa originalidade e individualidade e que, como em qualquer outra etapa da vida, na velhice nos encontramos numa encruzilhada: ou agir com sabedoria ou com indignidade e insensatez.

Algumas pessoas atribuem ao envelhecimento certa *mudança de caráter*, que nos transforma facilmente em irritáveis, reclamadores ou de "pavio curto". Essa atribuição é claramente injusta. De fato, na velhice desaparecem muitos dos mal-estares sociais ligados ao trabalho e às responsabilidades de família, que provocam estresse e mau humor. Por outro lado, todos podemos verificar com facilidade a paciência e a capacidade de dar alegria e ternura que os avós e avós oferecem a seus netos, ou o bom humor, a tolerância e a simpatia que revelam nas festas, nas excursões e nas conversas espontâneas com os jovens. O que não impede que sob situações específicas de mal-estar, como em qualquer outra etapa da vida, se mostre desgosto e tédio.

A idéia de que envelhecer seja um processo natural de assexualidade, ou seja, de *desinteresse pela vida sexual*, e que os idosos que mostram

interesse por usufruir do prazer sexual refletem uma imagem grotesca, representa mais um dos estereótipos inadmissíveis num conceito de velhice real e saudável, posto que a sexualidade é uma faceta-chave da personalidade que muda mas acompanha o ser humano ao longo de toda a vida.

Outra imagem errônea é a que vê na velhice um período no qual as pessoas se transformam necessariamente em seres *passivos e solitários*. Diante dessa crença equivocada, devemos observar que a passividade e a solidão que muitas pessoas experimentam ao envelhecer não são consequência de um processo saudável ou adequado, mas o efeito de situações problemáticas não resolvidas. Pelo contrário, continuar ativos e integrados são os dois sintomas mais visíveis de uma velhice bem-sucedida.

Algumas pessoas atribuem aos idosos um *caráter conservador, pouco criativo e pouco imaginativo*. Julgam que, ao envelhecemos, nos amarramos ao passado, "somos ultrapassados", perdemos interesse pelo presente, e, inclusive, perdemos a esperança e as ilusões para o futuro. Devemos reagir criticamente diante de um estereótipo tão desolador quanto falso, e mostrar que a criatividade, a necessidade de atualizar-se, valorizando o que há de melhor em cada momento, de amar a vida, usufruindo das novas possibilidades a nosso alcance, é algo inerente à condição do ser humano ao longo de toda a sua existência.

Para desmitificar essa idéia, nos bastaria rever o grande número de associações de aposentados que diariamente participam, de forma criativa e empenhada, de grande número de organizações e projetos solidários na busca esperançosa de um mundo melhor.

Numa sociedade consumista como a nossa, também nós corremos o risco de ter valores distorcidos e preconceitos incentivados pelo mercado, cooperando com linhas sociais excludentes e egoístas, como acontece com as idéias atuais de beleza física e prestígio social. Olhar para a velhice como uma oportunidade para melhorar nossas possibilidades exige de nós a superação da artificialidade dos estereótipos consumistas e o reconhecimento de que a beleza e o prestígio social andam ligados ao desenvolvimento integral e coerente da personalidade ao longo de toda a vida. Deveríamos poder dizer sempre nossa idade, por maior que seja, sem receios, sem querer reduzir o número de anos, reconhecendo a alta dignidade de chegar à ancianidade.

Questões para motivar e centralizar o debate

1. É correto existir em nossa sociedade essas e outras idéias preconcebidas e falsas sobre a velhice?
2. Qual o estereótipo ou conceito negativo sobre a velhice mais disseminado em nossa sociedade?
3. Não é verdade que esta classe de falsos estereótipos supõe um tipo de marginalização das pessoas idosas, ao lhes acusar, pelo simples fato de serem idosos e envelhecer, de serem pessoas enfermas, pouco inteligentes, irresponsáveis, de "pavio curto", assexuadas etc.?
4. Que imagem ou estereótipo da velhice oferecem os meios de comunicação de massa, como a televisão, o rádio ou a imprensa?
5. Algum de vocês conhece alguma pessoa acusada de "pavio curto", ou de qualquer outro estereótipo, apenas por ser idoso?
6. Algum de vocês conhece pessoas idosas que, apesar de terem uma idade avançada, desempenham funções de responsabilidade ou realizam atividades importantes e que, portanto, nos permitem contradizer os mitos negativos sobre a velhice?
7. O que devemos fazer, em geral, para que a sociedade tenha uma imagem mais realista e positiva da velhice e abandone os falsos estereótipos?
8. O que podem fazer, especificamente, os membros do grupo de debate?
9. Seria certo admitir que esses estereótipos da velhice estariam baseados na ignorância, no medo e na falta de respeito pelo ser humano, seja qual for sua idade?
10. Você acredita que a educação seja a única forma de mudar a imagem da sociedade sobre a velhice?

Referências bibliográficas

- FERNÁNDEZ BALLESTEROS, R. et al. *Mitos y realidades sobre la vejez y la salud*. Madrid, Fundación Caja de Madrid, 1992.
- SÁNCHEZ CARO, J. e RAMOS, F. *La vejez y sus mitos*. Barcelona, Aula Abierta Salvat, 1982.